REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 823

10 DE NOVEMBRO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

DR. PATROCINIO DA COSTA

FALLECIDO EM 31 DE OUTUBRO DE 1901

Em 31 de outubro ultimo, pelas quatro horas da madrugada, falleceu n'esta cidade o lente da Escola Polytechnica dr. João Ignacio do Patrocinio da Costa e Silva Ferreira, natural de Braga, e filho de José Joaquim da Costa.

Nascido em 9 de novembro de 1837, estava prestes a completar os 64 annos de idade.

Na Universidade de Coimbra recebeu o grau de bacharel nas faculdades de philosophia e mathematica, habilitando-se depois para o doutoramento, que lhe foi dado em 1870.

Passado algum tempo entrou para o lyceu nacional de Vizeu, onde assumiu a regencia das cadeiras de mathematica elementar e de lingua grega.

Estando vaga uma substituição na cadeira de mathematica na Escola Polytechnica de Lisboa, veiu á capital para se oppor no concurso, alcançando a nomeação de substituto em 20 de maio de 1880.

O dr. Patrocinio da Costa era um tanto excentrico, pelo que gosava de grande popularidade entre os academicos. Era apaixonado pela musica, tendo frequentado outr'ora assiduamente o Real Theatro de S. Carlos. Contava-se grande numero de anedoctas relativas ao seu *dilletantismo* lyrico.

No cultivo das boas letras tambem se revelou vantajosamente, publicando á sua custa varias obras, das quaes vimos citadas as seguintes:

Artaxerxes, drama, imitação de Metastasio, 1868.

Theses ex adplicata mathesi, 1869.

Haverá vantagem no ensino da mechanica racional em subordinar a theoria do equilibrio dos corpos á do seu nascimento? Dissertação inaugural, 1869.

Determinação de funcções analyticas. Estudos sobre analyse infinitesimal, 1873.

Com esta obra entrára no concurso para uma vaga de substituto na faculdade de mathematica da Universidade de Coimbra.

Belisaroide, collecção de poesias, 1875.

O dr. Patrocinio da Costa publicou esta obra sem o seu nome, porém nunca negou a paternidade, e dedicou-a á memoria do estimado poeta satyrico Faustino Xavier de Novaes.

Viagens do systema planetario. Poema satyrico, 1875. — Teve duas edições.

Linhas geodesicas, dissertação para o concurso na Escola Polytechnica de Lisboa, 1877.

A peste em Florença. Comedia lyrica em 3 actos, 1878.

Greve de dansantes. Comedia lyrica em 2 actos, 1882.

Josephine. Opera comica em 4 actos.

O suffragio universal. Opera-comica em 1 acto.

Por causa dos Lazaristas. Opera comica em 1 acto.

Romeo e Julieta. Poema heroico, 1894.

Hero e Leandro. Poema de Musou. Traduzido em metro hendecasyllabo solto, 1897.

Nova collecção de pequenas producções litterarias, 1900.

A sua ultima producção foi:

O rapto Calmon. Dois paragraphos addicionaes ao poema heroico *Romeo e Julieta*, 1901.

Além de lente da 4.ª cadeira de mathematica da Escola Polytechnica, o dr. Patrocinio da Costa, pertencia ao corpo docente do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa.

Embora as excentricidades do seu viver, era o extincto de muito boa convivencia, e de verdadeira modestia.

O seu funeral foi bastante concorrido, vendo-se no prestito diversos lentes da Escola Polytechnica e do Instituto Industrial e grande numero de alumnos das duas escolas, que tambem lhe velaram o cadaver e depozeram corôas sobre o athaude.

Ao geral sentimento que causou o fallecimento do illustrado professor ajuntou-se ainda uma coincidencia triste: a da morte, quatro horas depois da do dr. Patrocinio, da sua antiga governante, Josefa Bermudez Parga, que se encontrava doente havia bastante tempo.

CHRONICA OCCIDENTAL

Assumpto de monta: hostilidades entre a França e a Turquia.

O ministro Delcassé, n'uma das ultimas sessões da camara dos deputados, explicou as origens do actual conflicto e quaes eram as pretenções da França. Disse que o governo precisava da absoluta confiança da camara.

A ordem do dia apresentada pelo deputado radical Rivett e pelo republicano Chastenet, declarando que a camara confiava no governo para fazer respeitar os interesses e a honra da França, foi approvada por 305 votos contra 77, havendo 90 abstenções.

A divisão naval, que a França mandou ás aguas da Turquia, commandada pelo vice-almirante Caillard, é composta dos sete navios mais rapidos da marinha franceza.

O vice-almirante Caillard desembarcou as suas forças em Mytilene, onde logo tomou posse das alfandegas. Os habitantes pediram que a ilha fosse annexada á Grecia.

Apezar da chegada da esquadra, era opinião geral em Constantinopla que o sultão não daria completa satisfação á França.

O sr. Bapst, conselheiro da embaixada, actualmente encarregado de negocios da França em Constantinopla, relativamente ao *iradé* assignado pelo sultão com respeito á divida Lorando, communicou a Teufik-pachá que julgava a satisfação insufficiente, pois que não se especificavam as condições do pagamento.

Posteriormente o sr. Bapst dirigiu á Sublime Porta uma nota em termos imperativos, formulando novas reivindicações, especialmente o reconhecimento legal da escola franceza e de todos os estabelecimentos de beneficencia ou de culto collocados sob a protecção franceza e o reconhecimento do patriarcha chaldaico. Assim o communicaram de Constantinopla para o jornal *Le Temps*, de Paris.

Nas aguas da Turquia devem brevemente reunir-se esquadras da Grecia, Inglaterra e Italia.

Diz-se que a Turquia dispunha apenas de um couraçado e um cruzador com que pudesse oppôr-se á esquadra franceza.

Quanto a attitude futura das outras potencias n'esta grave questão, dividem-se as opiniões. De Vienna telegrapham ao *Daily Telegraph* que «para evitar complicações a França deve abster-se de tomar Smyrna ou Salonica, porque a primeira consequencia de um acto d'este genero seria o apparecimento nas aguas turcas dos navios de guerra inglezes e austriacos.»

A *Correspondencia de Berlim* mostra-se pouco sympathica aos francezes, falando de miseravel questão de dinheiro e de credores usurarios.

Entretanto telegrammas de Londres dizem ser opinião geral que a França procede n'este conflicto absolutamente de accordo com todas as mais potencias europeias. Telegrammas posteriores annunciam que o Sultão acceitou as condições impostas e que a esquadra franceza retirará brevemente.

Tempo seria effectivamente de falarmos um pouco menos de guerras, que a força de se tornarem assumpto de conversação, parecem ser coisa banal como a chuva e o bom tempo.

É ver como n'um cantinho de jornal se escondem agora as noticias de inglezes e boers, que entretanto na Africa do Sul lá continuam a espingardear-se, como se isso fosse missão dos homens n'esta terra.

Cá por casa tambem andámos um bocado agitados no domingo em que se realisaram as eleições municipaes, mas afóra os simples telegrammas que ainda assim enchiam columnas dos jornaes noticiosos, pouco mais, no genero considerações politicas, deram ellas para se escrever. Grande maioria de vereações regeneradoras, eis o resultado final.

A politica vae aquecendo com a approximação da abertura das camaras. Accordos que se rompem, como era de prever, dão esperanças de sessões agitadas, o que é sempre mais interessante.

A Arcada vae-se animando e com ella toda Lisboa, onde já começam a apparecer as caras conhecidas do inverno.

Já outro movimento teem de tarde a Avenida e o Chiado, por onde as senhoras passam mostrando suas toilettes novas da estação. Chegam de todos os pontos do paiz, encontram-se agora, cumprimentam-se com alegria. O verão de S. Martinho tem feito suas caretas, mas uma ou outra de suas tardes tem-se portado honestamente, em harmonia com a tradição. As ruas teem-se animado, os theatros vão tendo mais gente. Verdade é que bastante diligencia teem todos feito para chamar o publico.

Cascaes é que ainda de si dá noticias de quando em quando, prolongando quanto póde o seu tempo, já por novembro fóra.

Entretanto está nos ultimos arrancos e a debandada foi grande logo que se annunciaram no theatro D. Amelia as primeiras recitas de Clara Della Guardia.

A ultima festa ali realisada foi o esplendido baile em casa dos ministros de Allemanha, srs. condes de Tattenbach.

D'aqui a dez dias só ficarão em Cascaes e Estoril os que teem o bom gosto de ali passar todo o inverno.

Em Lisboa novidades não faltam.

A maior de todas, a mais fallada, foi a estreia no theatro D. Amelia da muito formosa actriz italiana Della Guardia, que escolheu para sua apresentação ao publico, a celebre *Zaza*, que já viramos pela Réjane, pela Rose Syma e dezenas de vezes em portuguez pela Angela Pinto.

Apezar dos confrontos, Della Guardia foi applaudida, porque é realmente uma actriz de talento, o que não é vulgar, e cheia de mocidade, o que é rarissimo.

Leva uma actriz muitos annos geralmente a conquistar sua fama e estar de posse completa de todos seus recursos. Quando é grande, quando realmente sabe todos os segredos da sua arte, falta-lhe geralmente a mocidade, o grande condão para enthusiasmar.

Della Guardia caminhou depressa e, se não é artista que por ora se compare a outras que ultimamente vimos em Lisboa, o caminho em que vae ha de leval-a longe, com tal velocidade inicial.

Mais por informações que por testemunho proprio escrevemos o que ahi vae. Uma bronchite teimosa deixou-nos apenas assistir, ainda assim com máu modo dos visinhos, aos tres primeiros actos da *Zaza*. Não vimos a *Fernanda* nem a deliciosa *Musotte*.

Temo-nos entretido estes dias a tossir na cama e a ver o que nos dizem os jornaes.

E' que sabemos o que nos custa estar n'um theatro e, por detraz de nós ou ao nosso lado ou na nossa frente, termos um homem que espilra, que tosse, que se assôa, que chora, que limpa as lagrimas, que se estorce na cadeira, e funga, e suspira, e cospe e nos interrompe na nossa attenção e nos põe de máo humor. E ainda peores que o da bronchite são os que o mandam calar e ainda fazem mais bulha com os seus *schius!* e as suas queixas e mais nervosamente fazem tossir o desgraçado.

Metti-me na cama e nunca mais vi a Della Guardia.

Por esse mesmo motivo não dou aqui noticia das *Manobras Conjugues* que não vi no theatro do Gymnasio, original portuguez do sr. Raphael Ferreira, cujo entrecho contado pelos jornaes é deveras graciosissimo e interessante, sendo por si bastante para recommendar a peça. Dizem-a escripta sem uma escabrosidade. Mais um motivo para a recommendação.

No theatro do Principe Real, em festa artistica de Adelina Ruas, representou-se o *Az de Páos*.

Nós, sempre a tossirmos, está claro que não fomos ver.

E pena tivemos realmente, porque essa é que é deveras uma actriz de talento, a Adelina, alma de verdadeira artista, das maiores de que se tenha honrado a scena portugueza.

Duas peças de auctores distinctos, portuguezes representará este anno: *O Gebo* de Raul Brandão e outra de Lopes de Mendonça, que a está escrevendo, seduzido deveras pelos altos recursos da actriz a quem vae entregar o primeiro papel.

Alguns elementos novos, que este anno figuram na companhia do theatro do Principe Real, são valiosissimos: Joaquim d'Almeida, dos primeiros actores portuguezes, Setta da Silva, um bom comico, Amelia Pereira, uma ingenua gentilissima, de talento indiscutivel.

Raul Brandão apresenta-se pela primeira vez só na scena. *A Noite de Natal*, representada ha dois annos no theatro de D. Maria e que foi escripta de collaboração com Julio Brandão, tornou no theatro conhecido seu nome já notavel como de prosador distincto.

Lopes de Mendonça seguir-se-ha com seu original cheio de scenas patheticas, que deverão produzir a maior commoção.

Anno cheio para o Principe Real.

O talento de Adelina Ruas era digno de chamar a attenção dos dois illustres dramaturgos.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

A nova canhoneira torpedeiro Tejo

A reconstituição da marinha de guerra portugueza, iniciada com a acquisição dos novos cruzadores, cuja historia opportunamente fizemos, e com a transformação do nosso arsenal de forma a produzir os grandes trabalhos que tão dependentes nos tornavam das fundições e estaleiros do estrangeiro, tem-se affirmado brilhantemente, primeiro com o cruzador *Rainha D. Amelia* e agora com a canhoneira-torpedeira *Tejo*, cujo lançamento á agua se effectuou com toda a solemnidade no dia 27 do mez findo.

O dia estava bello, de bom sol de outomno, e a multidão, aproveitando tão encantadora festa a um domingo, accorreu com grande força ao arsenal, acolhendo com saudações festivas o deslisar no Tejo do novo barco, em que tremulava a bandeira portugueza, que tanto refulge na historia dos mares. O enthusiasmo attingiu os menos expansivos e um côro de acclamações se ouviu quando o navio, impellido pela mão de sua magestade a rainha sr.ª D. Amelia, cortou as aguas do Tejo, então em preamar.

O espectaculo era surprehendente n'aquelle momento, tanto no Arsenal como no rio, onde os navios nacionaes e extrangeiros tinham as bandeiras içadas nos topes. Defronte do local do lançamento estacionavam alguns vapores e grande numero de outros barcos, apinhados de gente, curiosa de presenciar tão bello espectaculo.

A *Tejo* entrou na agua sem o minimo incidente e foi amarrar á boia que lhe destinaram.

Pouco antes da chegada de SS. MM. para assistirem á ceremonia do lançamento, teve logar a benção da nova canhoneira, que foi lançada por Mgr. Sant'Anna, o capellão mais antigo da armada.

A nova canhoneira, foi construida segundo os planos traçados pelo sr. engenheiro Croneau e cujos trabalhos teem estado a cargo do sr. Berthé, no que respeita ao casco, e do sr. Tonzé, relativamente ás machinas, aquelle sob a direcção do engenheiro naval sr. Pedro dos Santos e este do sr. Guimarães, tambem engenheiro naval.

As dimensões do novo barco, de cujo typo damos a gravura, são as seguintes:

Comprimento total, 70m,600; comprimento entre perpendiculares, 70m; boca na fluctuação, 7m,3; boca no grosso 7m,3; pontal, 4m; profundidade da carena, 2m,50; deslocamento, 532 T, 711.

Os alojamentos serão para 4 officiaes e o commandante e a guarnição n'um total de 80 praças.

O armamento constará de 7 peças de tiro rapido, sendo uma de 65 m/m para fogo em caça e 6 de 47 m/m á amurada, tres por bordo; dois tubos lança-torpedos, ávante, um a cada bordo e uma peça de 10 c. á ré.

As caldeiras são de alta pressão, systema multitubular, e as machinas de triplice expansão, da força de 7:000 cavallos, e já estão mettidas a bordo.

O navio terá tambem um mastro, á vante, para signaes, a sua velocidade foi calculada para 25 milhas por hora, pelo menos, sendo as machinas construidas no nosso arsenal.

A conclusão d'estas ultimas, porém, posto que adeantada, ainda demora algum tempo.

O raio de acção d'este barco será de 3:000 milhas, tendo um aprovisionamento de 70 toneladas de carvão.

O plano primitivo marcava, a ré, um tubo lança-torpedos, montado em pião girante, a descoberto na tolda; mas esse tubo foi substituido nas mesmas condições, pela peça de 10 c., já acima indicada.

Tambem, primitivamente, a tiragem das caldeiras era para ser feita por duas chaminés; mas para ser mais convenientemente activada passa a ser feita por quatro.

O casco é construido em aço especial, de grande resistencia, material de que pela primeira vez se faz uso no nosso paiz, em construcção d'este genero.

E' sem duvida alguma mais um poderoso navio de guerra, com que se augmenta a nova marinha de guerra, e cuja construcção affirmam os entendidos, é a mais perfeita possivel.

A *Tejo*, que é destinada á defeza das costas, parece que ficará sendo o navio chefe dos torpedeiros da nossa marinha.

CASA DE LAMAS EM VIEIRA DO MINHO

Vieira é a região assignalada no extremo do Minho, e fronteira á provincia de Traz-os-Montes, onde rebentou a revolução da Maria da Fonte. Da freguezia dos Anjos, pertencente ao seu concelho, e uma das que mais se extremou na guerra fratricida, era nativo o celebre padre Casimiro, *general defensor das cinco chagas e commandante das massas populares*, nas quaes se alistaram quasi todos os homens validos d'aquella freguezia.

O horisonte da séde do concelho que é o logar de Brancelhe, é todo de serras alterosas, constituindo quasi um circo, menos pelo sudoeste. O Gerez limita lhe o norte e o noroeste; a leste a Cabreira e a serra de Rossas.

O agreste da paisagem dulcificado por campos feracissimos, onde se cultivam milho e feijão com uma producção extraordinaria, e cortados de vetustos castanheiros e carvalheiras seculares, encanta a alma e revigora o corpo, pois talvez não haja no paiz outra região de ares mais puros, alliando a formosura das campinas e dos valles á atmosphera das altitudes.

Muitas casas de *vielle roche*, e da construcção caracteristica dos seculos anteriores se descobrem

nas encostas das serranias ou dominando os valles, e dando a nota alegre á paisagem.

De entre ellas offerecemos hoje aos leitores a reproducção da que nos pareceu mais typica, já pela sua construcção, ou antes pelo conjuncto das suas construcções que não obedeceram a um plano harmonico, e por isso mesmo lhe augmentam a estranheza que attrahe apenas se avista, já pelas preciosas qualidades de nobreza e distincção dos seus actuaes possuidores.

A illustre e opulenta casa de Lamas é situada no logar de Brancelhe, séde da villa, concelho e comarca de Vieira; e pertence ao sr. dr. Alvaro José de Miranda Magalhães pelo seu casamento com a ex.ma sr.a D. Margarida Emilia Rebello Vieira de Lemos, elle mesmo descendente das nobilissimas familias Mirandas, Magalhães, Cardosos e Menezes, morgados de Ruivaes, com brazão de armas outorgado por Carta Regia de D. José I, de 5 de agosto de 1775.

As armas dos Lemos, que encimam a porta principal da casa de Lamas constam de um escudo partido em palla. Na primeira, as armas dos Lemos, que são em campo vermelho cinco quadernas de crescentes de ouro em fautor. Na segunda as dos Vieyras, em campo vermelho seis vieyras de ouro em duas pallas. Elmo de prata aberto guarnecido de ouro. Paquife de metal e cor das armas. Timbre dos Lemos: uma aguia vermelha armada de ouro com uma quaderna das armas no peito, sahindo de um ninho de silvas da sua cor, e por differença uma brica de prata com uma almofada de azul.

Este brazão foi outorgado por Carta Regia de D. Maria I a 19 de outubro de 1779.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero 821)

1897-1898

Mathilde de Lerma era uma joven, hespanhola, mas sem salero algum, dotada de uma bella voz de soprano, forte e extensa; como cantora era apenas regular, e como actriz era muito mediocre e sensaborona. Foi bastante applaudida na opera *Aida*, de Verdi. Pateada na opera *Ugonotti*, de Meyerbeer, quando substituiu Litvinne, deu logar a que na noite de 12 de fevereiro de 1898, fosse preso, por um official da policia, o espectador Carlos Ribeiro da Silva, chefe da campanha contra a empreza, e que, muitas vezes, em noites anteriores, havia pateado com menos razão. Do publico, ninguem se importou com tal prisão; que differença de tempos! quando nas pateadas figuravam D. Alvaro Romo, Luiz Forjaz, Campos Valdez, marquez de Castello Melhor, etc., um procedimento analogo da policia fazia levantar uma massa de espectadores, que com estrondosa pateada protestava contra tal acto.

O mais engraçado, é que esta desengraçada hespanhola que, a principio fôra alvo dos tiros dos inimigos da empreza, tornou-se notavel depois, por ser tomada como ponto de apoio, por esses mesmos inimigos da empreza, que se tornaram campeões d'aquella prima donna nas suas dissenções com Pacini, para manejarem a alavanca da guerra contra este emprezario, como adiante se dirá.

Ernestina Bendazzi Garulli, esposa do tenor Garulli, já era conhecida do publico de S. Carlos, pois n'este theatro tinha tido grande exito, na estação de 1886-1887. Apresentou-se d'esta vez só na opera *Carmen*. A sua voz já não tinha os predicados que outr'ora manifestara. A tessitura da obra prima de Bizet tambem lhe não estava bem. Mas, artista intelligente e boa cantora, conseguiu, apesar da sua figura excessivamente *mignonne*, sustentar o caracter da protogonista.

Alfonso Garulli, tenor afamado, e que, antes de começar a epocha theatral, estivera gravemente doente, em Italia, tinha a voz estragada, pouca força nos agudos, e feio timbre, salvo no canto a *fiore di labbro*, em que era primoroso, e em que a voz era agradavel. Era cantor distincto e bom actor.

Carlo Cartica tinha uma voz de tenor magnifica. Havia muitos annos que se não ouvia em Lisboa uma voz de tanta belleza. Volume, extensão, malleabilidade, timbre avelludado e agradavel, tanto nos *fortes* como nos *pianissimos*; taes eram as preciosas qualidades de tão peregrina voz. Como cantor e actor era fraco. Disse esplendidamente alguns trechos, que lhe haviam sido ensinados por um intelligente e paciente maestro.

Raffaele Grani tinha boa voz de tenor, mas muito inferior á de Cartica: era porém melhor cantor.

Hector Dupeyron era um tenor francez, com voz possante, mas pouco agradavel. Como cantor e actor era apenas soffrivel.

Guglielmo Anastasi Pozzoni era filho do tenor Anastasi, e da celebre Antonietta Pozzoni que figurára brilhantemente no palco de S. Carlos, posto que já na declinação, e quando abandonára os papeis de soprano pelos de meio soprano. Era um joven advogado, que iniciara em Lisboa a sua carreira artistica. Debutou na opera *Andrea Chénier*, de Giordano, em substituição do tenor Cartica, que se dizia estar doente, e agradou, mostrando-se cantor correcto. Mas a sua voz era fraca e de timbre baço, e durante toda a epocha não mostrou desenvolver-se.

Mario Ancona era um barytono que possuia bella voz e bom methodo de canto; era além d'isso, actor intelligente. Agradou muitissimo.

Completavam a companhia lyrica outros artistas de algum merecimento; taes eram: o barytono Beltrami, já conhecido do anno anterior; o barytono Bellati, o baixo Contini, os sopranos Biondelli e Scalatelli, o meio soprano Rosa Garavaglia, e os comprimarios, tenor Ragni e dama Lina Garavaglia.

A bailarina Esther de Saint-Signy era elegante e dançava com graça. Era muito caracteristica a sua dança na opera *Sansone e Dalila*, de Saint-Saëns.

A ausencia de danças, que tem caracterisado a exploração theatral n'estes ultimos annos, faz com que alguma bailarina mais distincta, que appareça sobre a scena de S. Carlos, só possa mostrar sua pericia, na arte de Terpsichore, nos bailados de alguma opera.

Tres novas operas levou a empreza Pacini á scena n'esta primeira epocha da sua gerencia: *Andrea Chénier*, de Giordano, *Sansone e Dalila*, de Saint-Saëns, e *Mario Wetter*, do maestro portuguez Augusto Machado, já muito apreciado pelo publico de S. Carlos, pelas suas operas *Lauriana* e *Doria*, anteriormente representadas com muito exito n'este theatro.

As operas novas foram bem postas em scena; especialmente a primeira; vestuario muito aceiado; costumes apropriados e correctos, feição que durante muitos annos havia sido pouco cuidada no theatro de S. Carlos. Sendo tudo, porém, alugado, scenas, decorações, etc., a guarda roupa do theatro não enriqueceu.

Nos domingos 6, 13, 20 e 27 de março, de dia, verificaram-se no salão do Conservatorio, na rua dos Caetanos, concertos historicos promovidos pelo pianista Rey Collaço.

No 1.º concerto foram tocados no piano pelo abalisado artista Rey Collaço trechos dos seculos XVII e XVIII (1668 a 1788), de Sebastião Bach, Philip E. Bach, Couperin, Daquin, Haendel, Rameau, Scarlatti; figurando um cravo feito em Portugal no seculo XVIII (1760), emprestado pélo professor Ernesto Wagner.

Cantou M.me Sarti alguns trechos de Pergolèse, Scarlatti, Martini e Paesiello.

No 2.º concerto foram ouvidos trechos de Haydn, Mozart, Beethoven. Tocou piano Rey Collaço; cantou M.me Sarti.

No 3.º houve musica de Weber, Schubert, Mendelsohn. Tocou Rey Collaço e cantou M.lle Chabry.

No 4.º foi executada musica de Schumann e Liszt. Tocou piano Rey Collaço e cantou M.elle Chabry.

Por varias vezes se annunciou nos cartazes a opera *Ernani*, de Verdi, em que devia debutar a cantora portugueza Isabel Gomes, cujo nome não figurava, como outros tambem, no elencho official da empreza. Mas, por pretexto de varias doenças, não chegou a ir á scena.

Na noite de 2 de março de 1898, no salão da Sociedade de Geographia, na rua de Santo Antão, em beneficio da Missão Ultramarina, houve um sarau, em que cantaram Tetrazzini, Parsi, Lerma, Cartica e Anastasi, acompanhando ao piano os maestros Campanini e Sarti.

Recitaram os actores Mello, Ferreira da Silva, Taborda; discursaram Emygdio Navarro e José d'Alpoim. Fizeram assalto de esgrima Sebastião Heredia e Antonio Martins. Apesar de figurar no programma, Francisco Andrade não compareceu. Foram alvo de grandes ovações Tetrazzini e Parsi. A dama De-Lerma foi pouco applaudida; disse-se então que ficára por isso muito zangada e despeitada; facto que, segundo se disse, originou dar-se por doente e não querer cantar no theatro no dia seguinte, resultando dissenções com o emprezario, que logo serviu de pretexto para os inimigos da empreza resolverem dar a esta um forte ataque, como adiante se dirá.

A nova empreza Pacini & C.ia foi, a principio, acolhida com extrema sympathia e benevolencia do publico. A assignatura enorme assegurou-lhe desde logo proventos certos. Sem assignaturas o theatro de S. Carlos não póde viver. Basta dizer, para se vêr o que seria o theatro sem, ou com poucos assignantes, que havendo n'esta epocha de 1897-1898, grandes difficuldades para qualquer pessoa avulsa encontrar camarote ou logar de platéa, em recitas de assignatura, por se acharem assignados quasi todos os lugares, tendo a empreza, por isso, dado duas recitas extraordinarias, fóra da assignatura, outra com a opera *Andrea Chénier*, outra com a *Bohème*, n'esta segunda recita já o theatro ficou longe de se encher!

A principio a epocha theatral marchou tão bem, tão brilhantemente, já pelo numero de bons artistas, já pelos espectaculos, de operas bem desempenhadas, e boa, e equitativa distribuição pelas duas series de recitas de assignaturas, impares e pares, que os inimigos da empreza, acharam-se impossibilitados, por falta de apoio, ao menos moral, do publico e assignantes, de encetar a guerra contra a empreza no theatro. Foi a começar das recitas extraordinarias que ganharam animo.

As primeiras manifestações appareceram, ainda timoratas, com alguma, pouca e fraca pateada, á dama Lussan no seu debute na *Carmen*, na primeira recita extraordinaria de assignatura.

Reproduziram-se as manifestações de desagrado, na terceira recita de assignatura extraordinaria, no debute da dama Litvinne, na opera *Ugonotti*, apezar da debutante ter pedido desculpas, por se achar doente, ou antes por estar com medo.

Taes manifestações eram, porém, insignificantes, mas a auctoridade policial, que durante repetidas recitas as deixou passar sem opposição, lembrou se, na noite de 12 de fevereiro de 1898, de empregar meios coercivos contra a guerra á empreza.

Cantava-se n'esta noite a opera *Ugonotti*, de Meyerbeer, substituindo Matilde de Lerma a Dama Litvinne, que anteriormente tinha desempenhado o papel de Valentina; a execução da opera e o publico nada ganharam com tal troca, systema detestavel e ante-artistico, seguido ha alguns annos n'este theatro, d'esta continuada troca de artistas nos mesmos papéis na mesma epocha theatral. Tendo sido pateada a dama De Lerma por alguns espectadores, um official do corpo de policia desceu a plateia, e, como já ficou dito prendeu Carlos Ribeiro da Silva, um dos pateantes.

Foi, porém, só na noite de 3 de março de 1898, que a primeira *verdadeira borrasca* colheu a nova empreza.

Devia dar-se n'esta noite a opera *Pagliacci*, de Leoncavallo, e o terceiro acto da opera *Ugonotti*, de Meyerbeer, tudo com a Dama De-Lerma. Como já dissémos, esta cantora que, na vespera, na Sociedade de Geographia, havia sido pouco applaudida, declarou-se doente, e impossibilitada de cantar, apezar dos medicos da empreza declararem que não lhe encontravam doença alguma.

É tradição, que, quando um cantor declara não poder cantar, por estar doente, é geralmente, uma falsidade; pelo contrario, muitas vezes, doentes na verdade, os artistas vão cantar, com grave prejuizo d'elles e do publico. Entretanto casos ha, em que deveras se acham impossibilitados de cantar, mesmo sem doença visivel á inspecção medical.

Fosse como fosse, a empreza ainda tentou substituir De-Lerma por uma debutante residente em Lisboa; mas, ou por ter reconhecido n'essa nova nova dama incapacidade, ou por que receasse, que isso daria pretexto, aos seus inimigos, para lhe promoverem grande pateada, ou por outro motivo, emfim desistiu d'essa idea, e vista a declaração dos medicos recorreu, segundo se disse, á mediação do consul de Hespanha, e intervenção da policia, affirmando-se então que, a dama De-Lerma, fôra conduzida ao Governo Civil, e intimada para cantar n'essa noite; e assim obrigada, a *signorita* De-Lerma apresentou-se em scena no primeiro acto da opera *Pagliacci*.

(Continúa) *F. da Fonseca Benevides.*

LIÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

XXI

Vamos hoje indicar aos nossos leitores um novo processo de viragem, o qual pode facilmente ser preparado pouco antes do seu emprego, resultando, por conseguinte para todos os amadores que se queiram utilisar d'essa formula que adiante mencionamos, uma vantagem grande.

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — Lançamento ao mar da canhoneira torpedeiro «Tejo», 27 de outubro de 1901

A solução é a seguinte:

Agua	250 gr.
Chloreto d'ouro	0,50 »
Bicarbonato de soda	8,00 »

A mixtura obtida apresenta uma coloração negra tendente para o azul.

A viragem por meio de banho torna-se não só rapida como uniforme. Antes, porém, de mergulharmos as chapas, na solução acima indicada, ter-se-ha o cuidado de lavar as provas na occasião em que estas forem tiradas do châssis-prensa.

Um ou dois minutos é o tempo necessario para se obter a viragem completa e precisa das provas photographicas.

Se lavarmos em seguida a chapa e a fixarmos n'um banho de hypposulphito de soda a 10 °/₀, teremos d'esta forma, obtido o resultado desejado.

XXII

Obter uma colla inalteravel para provas photographicas tem sido um dos pontos mais difficeis de serem resolvidos pelos amadores d'esta arte. Indicaremos, hoje, um producto que parece preencher, senão perfeitamente, pelo menos satisfatoriamente, essa lacuna. Tomar-se-ha 500 grammas d'agua, e n'uma parte d'essa agua, far-se-ha inchar 5 gr. de gelatina, fazendo-se em seguida, uma especie de pasta, n'uma caçarola, juntamente com 50 gr. de arrow-root. Ferver-se-ha o todo até á ebullição tendo o cuidado de mecher constantemente com o fim da massa não adherir ás paredes da caçarola, e depois de se ter deixado resfriar alguma cousa, lança-se o contheudo n'uma cuveta, juntando-se-lhe 1 gr. de acido phenico n'uma solução de 50 gr. de alcool, ou ainda se o cheiro do phenol fôr demasiadamente, incommodo, 50 centimetros cubicos de uma solução de bichloreto de mercurio a 1 °/₀₀.

Findas estas operações, obtem-se então, a massa inalteravel, a qual pode ser conservada n'um frasco, sem perigo de ser modificada a sua constituição.

A CANHONEIRA TORPEDEIRO «TEJO» NO RIO

VIEIRA DO MINHO — Trazeiras da casa de Lamas
(Copia de photographia)

ESCOLA DE MUSICA DE CAMARA [1]

Eis uma instituição nova, que representa um admiravel exforço de alguns enthusiastas e uma brilhantissima promessa para um meio tão desprotegido e tão retrahido como o nosso.

Uma escola para a musica de camara: reunir todas as aptidões, todos os elementos que possam produzir-se convenientemente n'esta especialidade artistica, dividil-os em grupos, orietal-os no caminho da grande Arte, adestral-os em todas as difficuldades proprias da musica de camara, e finalmente incital-os ao trabalho por meio de apresentações e concertos periodicos — eis o bello sonho artistico que está prestes a realisar-se.

Coube á *Sociedade de amadores de musica de camara* a gloria de ter imaginado este grandioso projecto e cabe-lhe a justa satisfação de o vêr posto em pratica.

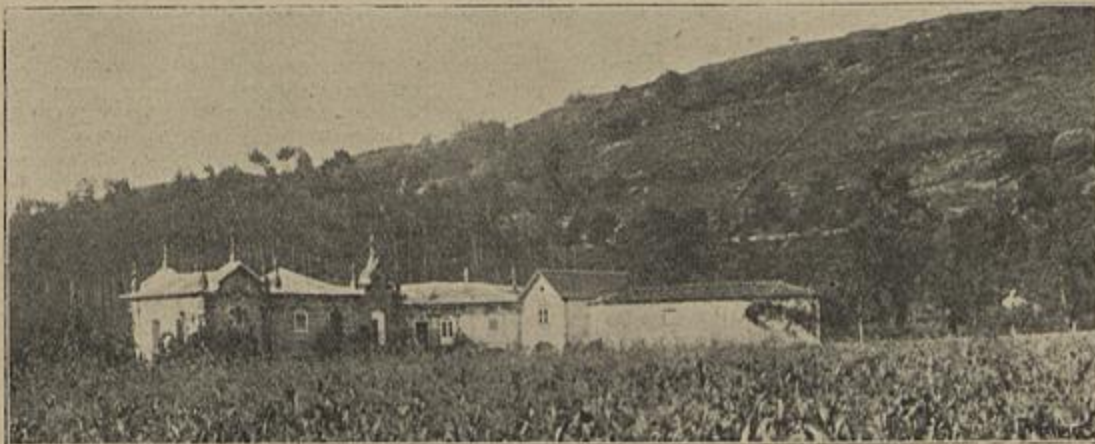
A trabalhar desde 1898 incessantemente, a luctar com espantosos obices de toda a natureza, a pequena mas corajosa Sociedade, apoz o exforço de alguns concertos em que se produziu de fórma a merecer o elogio de toda a gente, encontrou-se de mãos atadas, á mingua de elementos voluntariosos com que pudesse proseguir. E não desanimou, apesar de tudo isso, no seu nobre proposito.

Sentimos que a absoluta carencia de espaço nos não permitta hoje entrar em pormenores ácerca da organisação d'este promettedor instituto artistico e que só o possamos fazer d'aqui a quinze dias.

Mas querendo concretisar em duas palavras os elevadissimos intuitos da *Escola de Musica de Camara*, bastará dizer que o seu proposito se resume n'isto: — *ensinar* e *produzir* — as duas palavras que devem soar melhor a ouvidos portuguezes.

O *modus faciendi* é singelo tambem: — uma subscripção mensal de 1$000 réis, como imposto de Arte, a todos aquelles que quizerem dotar o seu paiz com esta preciosa instituição, tendo ainda a vantagem material de assistir gratuitamente a todos os concertos — e uma *joia* de 5$000 réis para os que tenham de aproveitar mais directamente dos beneficios da *Escola*, na qualidade de alumnos executantes.

O conselho director da *Escola* compor-se-ha de um Presidente, que será um dos nossos primeiros artistas, de um Professor para cada uma das especialidades (instrumentos de corda, de sopro e de teclado) e de um Administrador exclusivamente encarregado da parte financeira do projecto.

[1] D'*A Arte Musical.*

VIEIRA DO MINHO — Frente da casa de Lamas
(Copia de photographia)

Para a leccionação e ensaio dos instrumentos de corda, já foi contractado o illustre professor hespanhol D. Francisco Benetó, um dos mais gloriosos nomes artisticos do visinho reino.

Como se sabe, D. Francisco Benetó foi durante onze annos discipulo do nosso querido amigo e illustre professor D. Andrés Goñi, concluindo a sua primorosa educação no Conservatorio de Paris, sob as vistas de Marsick e White. O que vale D. Francisco Benetó, como concertista, já o publico tem tido occasião de apreciar innumeras vezes. Tem portanto o prestigioso artista a sua reputação já feita entre nós e deve ser para todos um motivo de legitimo orgulho e satisfação, saber-se que tão notavel mestre se propõe a fixar a sua residencia entre nós, para intuitos tão elevados, sendo de mais a mais certo que postergou, em nosso favor, uma honrosa nomeação de Professor, em um dos Conservatorios mais importantes do extrangeiro.

Assim, tem a nova *Escola* os melhores elementos de vida. Possam os nossos amadores e artistas comprehender a elevada missão a que ella se propõe e concorrerem todos para que tal melhoramento se realise com o brilho, que sob todos os pontos de vista merece.

*

Está lançado este grande e bello projecto e a sympathia com que tem sido acolhido por todos aquelles que presam o nosso progresso e querem sinceramente ver engrandecida a nossa Arte é o melhor estimulo que podia ambicionar a nascente escola.

Não tem faltado mesmo a habitual maledicencia e a tacanha inveja de certos detractores d'officio, cuja tibieza e incapacidade para produzir seja o que fôr de util é o unico pretexto que encontram para amesquinar as iniciativas dos que trabalham de coração. E essa mesma attitude dos taes detractores d'officio é ainda uma gloria para os iniciadores da promettedora escola.

O certo é que é já avultado o numero dos subscriptores e não tardará que se encerre a inscripção, visto estar no intuito dos fundadores circumscrever o numero dos seus associados, no limite do indispensavel, de forma a que os elementos compenentes da nova escola se distingam todos por um elevado nivel social e artistico.

N'essa ordem d'ideias fizeram circular um prospecto em que vão descriptas as principaes condições em que a *Escola* vae funccionar.

*

O insigne pianista Alexandre Rey Colaço, o mais ardente e auctorisado propugnador da Musica de Camara entre nós, foi convidado para assumir a presidencia effectiva da Escola.

Relembrar aqui os altissimos serviços que á nossa Arte e em especial á Musica de Camara tem prestado esse notavel professor seria ocioso e inutil, tão arraigada está em toda a gente a persuasão de que o movimento evolutivo do gosto musical entre nós se deve quasi exclusivamente ás suas audazes e frequentes iniciativas d'Arte; ninguem esqueceu ainda as admiraveis series de concertos que deu durante diversas epocas com o mallogrado Hussla e com dois artistas portuguezes de incontestavel valia, Gazul e Cunha e Silva e ninguem ignora o beneficio extraordinario que resultou para a nossa Musica d'essas suggestivas lições.

Antevendo, com a sua finissima intuição, que o emprehendimento d'hoje não era mais que a continuação, ou antes a consequencia da sua propria obra, o glorioso artista não hesitou um momento

VIEIRA DO MINHO — Entrada da casa de Lamas
(Copia de photographia)

em alliar a seu nome, tão respeitavel e tão respeitado, aos destinos d'este promettedor emprehendimento.

*

Firmou-se hontem, nas notas do tabellião Cosmelli, o contracto com o illustre violinista D. Francisco Benetó, que, como foi annunciado, vae reger uma das cadeiras, e tomar parte nos principaes concertos da *Escola de Musica de Camara*.

Alem das incontestaveis vantagens que deve ter para o futuro da Escola e para o brilhantismo dos Concertos, a inapreciavel collaboração do artista hespanhol, teve ainda a nova Escola a gloria de ter conquistado para a nossa capital, onde os bons professores de rebeca não abundam e teem o tempo muito preso, um mestre que será sempre consultado com vantagem e cujos conselhos deverão aproveitar consideravelmente mesmo aos que tenham já uma rasoavel virtuosidade no violino. Effectivamente o contracto com a *Escola* foi formulado de maneira a que o notavel professor possa aproveitar uma grande parte do tempo em licões particulares, que estamos certos, lhe não hão de escassear.

*

Inauguram-se ámanhã os trabalhos escolares e a preparação de concertos, que, como se sabe, terão logar no elegante Salão do Conservatorio.

Convergirão os primeiros exforços do Conselho director para que ainda em novembro se possa effectuar a primeira audição, devendo succeder-se as outras em todos os mezes seguintes até junho de 1902, epoca em que os trabalhos escolares são interrompidos por quatro mezes.

O concerto de inauguração, que deve ter uma excepcional importancia, será consagrado a obras do immortal Beethoven, servirá de apresentação do notavel violinista contractado e terá a collaboração de todos os elementos com que a *Escola* já hoje pode contar.

O programma é brilhantissimo e constará de um *Trio* para instrumentos de corda, de uma *Sonata* de violino e pianno e do famoso *Quintetto* op. 16, para piano e instrumentos de sopro, como foi originalmente escripto.

Como se vê um programma raro e o mais possivel, attrahente.

31 de Outubro, 1902.

UM BOM RAPAZ

POR

Biornstierne Biornson

II

A ESCOLA

A cabra já estava muito bem presa á parede, mas o Eyvind ainda estava muito pesaroso, e a mãe logo viu que era preciso contar-lhe uma historia.

Sentou-o ao pé de si e contou-lhe como foi que o monte falou ao riacho, o riacho ao rio, o rio ao mar, e o mar ao céo.

— E então o céo não falou a ninguem? perguntou.

— O céo falava ás nuvens, que falavam ás arvores, e as arvores ás ervas, e as ervas ás borboletas, e as borboletas aos meninos, e os meninos á mãe, que falava com Nosso Senhor.

N'esse momento, o Eyvind reparou no gato que, sahindo de casa, vinha deitar-se no banco de pedra para se aquecer aos ultimos raios do sol.

— Que póde dizer um gato? perguntou elle.

A mãe cantou-lhe a cantiga do gato e depois a do gallo.

Os passarinhos chilreavam nos ramos.

— Que dizem? perguntou Eyvind.

— Ouve, disse a mãe, dizem assim:

«Pae do céo, a vida corre boa
A quem não soffre trabalhos nem desgostos.»

— Mas, continuou, o homem não deve querer ser feliz como os passarinhos, que Nosso Senhor condemnou-nos a trabalhos cá n'este mundo.

Foi por esse verão que a mãe d'Eyvind principiou a ensinar-lhe a ler.

Tinha-lhe trazido uns livros da cidade, e Eyvind, muita vez, punha-se a olhar para elles, desejoso de saber que lhe diriam os livros quando conversassem juntos.

Deu nomes de bichos e de passaros e todas as letras.

A de que elle mais gostava era do **A**, a quem chamava o cordeirinho preto.

As primeiras lições não foram más, mas quando se tratou de juntar letras, o Eyvind principiou a atrapalhar-se; parecia-lhe que todos os bichos começavam á pancada uns aos outros e que todos os passarinhos guinchavam ao mesmo tempo, coisa que lhe punha a cabeça em agua.

A mãe, achando que o pequeno não andava tão depressa como devia, disse lhe um dia ao voltar para casa.

— A'manhã vais para a escola e quem te lá vai levar sou eu.

Eyvind não se oppoz, porque tinha ouvido dizer que a escola era logar muito divertido, onde todos os rapazes iam para brincar, uns com os outros.

Ia muito contente adeante da mãe subindo o monte. Como se iam approximando d'uma casa muito grande na aldeia, ouviu d'ella sahir como um forte zumbido que subia, descia, que não se calava nunca, lembrando o barulho que faz andando á roda uma azenha.

— O que é? perguntou.

— São os pequenos a aprenderem a ler, respondeu a mãe.

Entraram juntos na aula. Eyvind nunca tinha visto tanto rapaz junto.

Uns estavam sentados em volta de mesas, outros em cima d'uns cestos onde levavam as merendas, arrumades ao pé da parede.

O mestre estava ao canto da lareira enchendo o cachimbo; a mãe cumprimentou-o e logo elle fez um signal para calar aquelle barulho de moinho e poder ouvir o que lhe diziam.

— Aqui lhe trago este rapazinho, disse ella. Já sabe as letras.

— Póde lá ser! disse o mestre. Anda cá, meu loirinho.

E sentou o Eyvind no colo.

— Bonito garoto! dizia.

Eyvind poz-se a rir, o mestre tambem, a mãe depois e depois toda a escola.

Mas de repente o mestre poz-se muito serio e disse ao novo alumno que escolhesse logar.

Eyvind tinha avistado a Marit, sentada não longe da lareira, em cima d'uma caixa pintada de encarnado.

Tinha posto a mão na cara e olhava para elle por entre os dedos.

— Vou para aqui, disse Eyvind.

E pegou n'um banquinho que levou para o pé d'ella.

Marit olhou para elle por debaixo do cotovelo, e elle fez o mesmo, e todos os outros, que lhes perceberam as manobras, desataram outra vez a rir.

— Silencio, garotos! berrou o mestre.

Ouvia-se uma mosca que voasse; depois a roda do moinho começou outra vez a girar.

Todos os pequenos leram ao mesmo tempo; havia vozes gritadoras que chiavam como corujinhas novas, outras roucas que grasnavam como corvos, outras de choramigas que gemiam como o ribeiro. Eyvind disse á Marit:

— A escola é muito divertida!

— Agora tambem tenho uma cabra, respondeu ella.

— Uma cabra verdadeira? perguntou Eyvind.

— Sim, mas não é tão bonita como a tua.

— Porque é que já nunca vais para as ribas?

— Porque diz o avô que eu podia dar alguma queda.

— Ora! não são tão altas como isso, e, se fores lá a casa, a mãe sabe cantigas lindas.

— O avôsinho tambem sabe muitas, acredita. Até sabe uma que é para a gente dançar. Vamos aqui para mais longe, vou-t'a cantar.

E a cantiga foi a primeira coisa que o Eyvind aprendeu na escola.

III

A HISTORIA DO MESTRE ESCOLA

Eyvind dava esperanças de vir a ser um rapaz de habilidade. Na escola era dos primeiros e em casa muito docil e socegado.

Poucas vezes via o pae, sempre na pesca ou vigiando o moinho que lhe ficára por herança e lhe rendia muito dinheiro, porque metade da freguezia lá mandava moer o grão. Mas a mãe do pequeno não queria saber senão do filho e sempre lhe contava historias.

Contou-lhes uma noite a do Mestre-Escola.

Chamava-se Baard e tinha tido um irmão que se chamava Anders.

Os dois irmãos tinham um pelo outro uma ternura enorme; recrutados ao mesmo tempo, tinham batalhado um ao lado do outro, e na mesma companhia ambos tinham conquistado as divisas de cabo.

Quando voltaram para casa, toda a freguezia se alegrou ao ver que dois rapazes tão bellos e fortes voltavam da guerra escorreitos.

O pae morreu lhes e deixou-os herdeiros de muita mobilia, fato e coisas miudas de uso pessoal, que seria difficil repartir. Combinaram por isso fazer leilão.

Cada um d'elles ficaria com metade do dinheiro que rendesse.

Mas o pae tinha um lindo relogio d'oiro, conhecido e admirado em toda a aldeia e seu termo, onde outro relogio d'oiro não havia. Muito homem rico o cubiçava. Mas quando foi posto em praça e viram os dois irmãos fazendo seus lances ninguem se lhes atravessou.

Baard cuidava que o irmão desistiria sem grande custo. Mas no mesmo sentido estava o Anders esperançado. Não tardou, estava o relogio em cincoenta corôas. Foi então que o Baard disse comsigo que o irmão não andava bem com elle, e gritou:

— Cem!

Ainda assim Anders não arredando pé, Baard poz-se a lembrar de que era o mais velho, que sempre fôra optimo para o irmão e que este parecia realmente não querer mostrar-se grato. Anders effectivamente continuava picando. Estava pois o relogio em cem corôas. Baard não tornou a olhar para o irmão. Os espectadores nem respiravam; só se ouvia a voz do leiloeiro. O Anders estava vermelho de raiva; e pensava que se o Baar queria dar cem corôas por aquella joia, tambem elle as podia dar, que isto de ser mais velho não era razão para taes teimosias e que, se tinha tamanho gosto no relogio, tivesse por uma vez ficado com elle. Até certo ponto não seria bonito, mas teria sido mais ajuizado. Entretanto Baard, com voz surda, disse:

— Cento e cincoenta!

Anders viu n'aquillo um insulto do irmão e continuou picando. Baard desatou a rir muito de rijo.

— Duzentas corôas! gritou. Duzentas corôas e ainda por cima o bom coração de meu irmão!

E dizendo estas más palavras, sahiu da sala. Quando tratava de apparelhar o cavallo, chegou-se alguem ao pé d'elle e disse-lhe:

— Olhe que o relogio é seu, mas aquelle mau homem fez-lh'o pagar caro.

Logo percebeu que o queriam excitar contra o Anders e lá no intimo do coração sentiu que gostava mais do irmão que do relogio. Já puzera a mão no pescoço do cavallo para trepar para o selim, mas, ainda estava em duvidas de partir, quando todo a gente sahiu do salão de vendas. Anders chegou-se ao pé d'elle e disse-lhe:

— Parabens pelo relogio, Baard. Mas nunca o hei de ouvir na tua algibeira.

— Nunca! disse o Baard saltando para o cavallo e partindo a galope. Nunca o has de ouvir, porque nunca Baard ficará sob os mesmos tectos que Anders, o ingrato e o mau!

Nem um nem outro voltou á casa paterna.

Pouco tempo depois, Anders casou-se, mas não convidou o irmão para o casamento. A fortuna não o bafejou. Logo no primeiro anno, um dia, foram dar com a vacca morta no campo, onde a tinham peado para pastar, e ninguem soube dizer de que morte morrêra o animal. Outras desgraças seguiram-se logo. A peor foi que o celleiro do Anders ardeu com todas as provisões de inverno, e ninguem soube das causas do incendio.

— Alguem me quer mal! dizia o Anders.

Entrou-lhe n'alma o desanimo e perdeu toda a vontade de trabalhar. Uma noite Baard veiu ter com elle. O Anders que estava já deitado, levantou-se logo.

— Que vens cá fazer, Baard? gritou.

Baard hesitava.

— Venho offerecer-te a minha ajuda, Anders. Tu sósinho não te avens.

— Avenho-me como posso e como tu m'o desejas, Baard. Sai ou não respondo por mim!

— Anders, se algum mal te fiz, sinto-o e venho dizer-t'o.

— Vai-te embora, Baard, e Deus tenha compaixão de nós!

Ora aqui está o que tinha acontecido ao Baard. Logo que soube das tristezas do irmão e da sua doença, adoçou-se lhe o coração. Só o orgulho é que o retinha; sentira por isso a necessidade de entrar na egreja onde se afervorara em boas resoluções. Desde esse dia, rondava a casa do irmão; mas sempre o Anders ou tinha lá gente com elle ou tinha ido para a matta. Assim corrêra tempo, sem que o Baard lhe falasse. Entretanto, no domingo, voltou á egreja. Lá vira o Anders pallido e emmagrecido, com o fato muito velho, no fio e cheio de nodoas. Baard olhava para elle e lembrava-se como Anders fôra d'antes

leal e carinhoso, excellente rapaz. Foi commungar e d'essa vez prometteu a Nosso Senhor solemnemente fazer pazes com o irmão. Pronunciou baixinho o juramento, emquanto bebia o vinho sagrado, e logo se dirigiu para Anders; mas este nem sequer erguera a cabeça.

A sahida da egreja, a mulher de Anders ia ao lado do marido e Baard não a conhecia. Foi ainda mais um obstaculo inesperado. Baard pensou que mais valia ir á noite procurar o Anders a casa d'elle e, assim que anoiteceu, encaminhou-se para a choupana. Chegando á porta, poz-se á escuta.

— Anders, dizia a mulher, olha que o Baard foi hoje commungar e com certeza pensava em ti.

— Eu conheço-o, respondeu o Anders com voz zangada. É homem que só pensa em si.

Houve um silencio. A chaleira cantava ao pé do lume, o pequenino poz-se a gritar e Anders embalava-o para ver se o calava.

— Eu creio, continuou a mulher, que ambos pensaes muito um no outro, mas não tens nem tem o Baard tão pouco soberba que o confessem.

— Falemos d'outra coisa, respondeu o Anders.

Um instante depois, levantava-se e vinha até á porta de casa. Baard só teve tempo para se esconder ao pé da lenha. Ora o Anders vinha exactamente para buscar uma acha. Dava-lhe no rosto a luz de dentro de casa e o Baard, bem occulto na sombra, viu que elle despira o fato velho e puzera a antiga farda. Entretanto, ao voltarem da guerra, ambos haviam promettido deixar os uniformes no bahu, onde os filhos os deveriam achar depois, como lembrança de gloriosos tempos passados. Para haver faltado á promessa era preciso que o Anders tivesse grande precisão de roupa mais quente. N'esse momento como ainda se chegára mais perto do esconderijo de Baard, teve este receio que elle désse pelo tic-taque do relogio na algibeira do collete. Mas o Anders, tendo pegado n'um feixe, encostou-o á porta e poz-se a olhar para o céo muito sereno, todo cheio de estrellas. A alma do infeliz subira até Deus.

— Senhor! disse com um suspiro profundo. Senhor!... Senhor!

Viva Baard o tempo que viver, ha de sempre lembrar-se d'aquelle grito de dôr e afflicção, soltado pelo irmão para o céo.

Teria querido deitar-se nos braços de Anders, mas viu-se preso d'um tremor que lhe tirou o uso dos membros e da voz. Percebeu até que não teria animo n'aquella noite para ir ter com o irmão e aqui está o que fez. Pegou n'um ramo de pinho resinoso e, subindo até o celleiro, accendeu a resina e suspendeu o relogio no mesmo prego de que Anders se servia para pendurar a lanterna, quando ali ia de manhã, ainda antes de ser dia, bater um pouco de trigo para leval-o ao moinho.

E n'essa mesma noite tinha ardido o celleiro! Baard viu logo que algum pingo havia de ter cahido do ramo que accendêra. Cuidou endoidecer, tamanho foi seu pesar. Effectivamente os visinhos tendo-o ouvido toda a noite e no dia seguinte a ler de rijo o livro dos psalmos, julgavam que elle tinha deveras endoidecido. Quasi manhã, sahiu por um luar lindissimo e foi até ao casal do Anders. Andou muito tempo á procura nas cinzas. Achou por fim uns bocadinhos d'ouro do que fôra o relogio e foi com elles na mão que á tardinha entrou em casa de Anders para fazer pazes com elle e pedir-lhe perdão. Infelizmente um pequenito tinha dado por elle a revolver os destroços do casal. Uns rapazes que no domingo á tarde iam para um baile tinham-o encontrado nas visinhanças do logar do incendio e os visinhos contaram que na segunda-feira a cara d'elle era de quem havia feito o que quer que fosse mal feito. Os juizes, sabendo que os dois irmãos estavam de mal, mandaram proceder. Nenhuma prova se formulou contra Baard, mas toda a gente ficou de pé atraz. Agora é que ainda menos podia approximar-se de Anders. Este, lembrando-se das palavras de Baard que, entrando, na segunda-feira á noite em casa d'elle, lhe dissera: «Arrependo-me», não duvidou das culpas que havia de ter. Mas o Anders nunca fôra máo e, quando no interrogatorio se encontraram e o juiz lhe perguntou se elle acreditava que fosse seu proprio irmão o causador do incendio, tendo desviado a vista, afim de evitar o olhar supplicante que Baard fitava n'elle, respondeu com voz sumida:

— Não.

Desde esse dia Anders começou a beber. Uma noite, era já tardissimo, entrou uma mulher em casa de Baard e pediu-lhe que a acompanhasse. Logo a conheceu; era a mulher do Anders. Adivinhou que novas lhe traria a pobre cunhada e foi-se com ella sem nada lhe perguntar nem dizer-lhe uma palavra. Uma luz muito fraca luzia na choupana de Anders, onde só difficilmente se chegava, porque já não se trabalhava por aquelles sitios e não havia trilho entre a neve. Um pequeno, muito pequenino, estava sentado junto da lareira e comia carvão para enganar a fome. Era o filho de Anders. O doente estava na cama. Tão magro! Com a doença tinha-lhe cahido o cabello todo; e a testa desguarnecida parecia de marfim. Olhou para Baard com um olhar fundo e sinistro. As pernas do pobre Baard vergavam-lhe e poz-se a soluçar. Anders fez-lhe um signal para que não chorasse e disse á mulher que os deixasse sós. Mas Baard pediu á cunhada que se não fosse embora. E os dois irmãos explicaram-se. Baard recordou o que entre os dois se havia passado desde aquelle maldito dia do leilão; contou como, sem querer, tinha lançado fogo ao celleiro e tirou da algibeira o bocadinho d'ouro, o que só restava do relogio que tântas desgraças causára. Nunca mais deixou a cabeceira do irmão, cuja doença se prolongou por muito tempo. Uma manhã disse Anders assim:

— Havemos de viver juntos e felizes como d'antes.

E n'esse mesmo dia morreu.

Baard levou para sua casa a cunhada e o pequeno. O que os dois irmãos haviam dito n'aquella primeira entrevista, depois de tão comprido odio, ficou segredo para toda a gente; mas Baard depressa por toda a gente foi respeitado. A benevolencia com que o tratavam teve feliz influencia no seu coração: fez-se um homem temente a Deus. Suas virtudes e honradez foram tão decantadas vinte leguas em redor, que a gente dos montes escolhera-o para que lhe instruisse os filhos. E aqui está como deu em mestre-escola um antigo cabo de esquadra.

IV

O BAILE DO NATAL

Eyvind andava sempre disposto para a alegria. O genio feliz fel-o logo amigo de todos os rapazes da escola e dos arredores.

Todos queriam ser primeiros quando Eyvind combinava qualquer patuscada nas ribas.

Já sabem que essas ribas muito extensas eram estereis e nuas na vertente que dava para o mar, mas que eram cheias de lindos arvoredos cá do outro lado.

Os rapazes iam em bando patinar de inverno sobre o mar gelado.

Eyvind tinha dois trenós para descer o declive, um muito macisso e pesado que emprestava aos companheiros, o outro ligeiro e rapido que elle mesmo guiava, levando ás vezes a Marit no collo.

Por isso, n'esse tempo, logo que ao domingo acordava era seu primeiro cuidado correr á janella.

A's vezes os ramos dos pinheiros pareciam estar chorando, gotas rolavam pelos telhados e grossas nuvens pardas arrastavam-se do outro lado da bahia.

Dir-se-hia um enorme rebanho de carneiros a caminharem pelos ares.

Era o descoalhar das neves.

Eyvind vestia-se muito devagarinho, que lhe seria terrivelmente comprido aquelle domingo.

Se, pelo contrario, o sol brilhava n'um céo claro e gelado, o rapaz, n'um prompto, vestia roupa lavada e o casaco novo.

Ia-se primeiro á egreja; depois Eyvind comia á pressa, como um romeiro em viagem, e saltava para o trenó, dando um grito sonoro que retinia até ás profundas da serra.

O trenó saltava sobre os declives e os rapazes surgiam de todos os lados sobre os patins, brandindo o comprido páo que lhes servia de marombа para regular a corrida. Enchia-se a bahia de uma barulhada de risos e de alegres clamores.

Mas, chegado ao sitio combinado, o primeiro olhar de Eyvind era sempre á procura de Marit.

Era nas proximidades do Natal, e não tardava que Eyvind fizesse dezasete annos.

Marit tinha quasi desaseis e, quando chegasse a primavera, ambos haviam de ser confirmados.

No ultimo dia do anno, houve grande festa no casal, que ficava no mais alto do monte e pertencia ao avô de Marit.

A noite era serena e tepida. Nem uma estrella no céo. Um vento humido levava a neve acamada que se erguia no ar como uma poeira branca. No caminho, onde a camada era menor, desde a vespera que começára a derreter-se; depois a agua gelára e era apenas uma longa fita de gelo, onde livremente podia correr-se nos patins. Os flancos do monte tinham um aspecto de abandono e de morte, por que passára por elles uma avalancha, quebrando os troncos debeis dos vidoeiros e derrubando os pinheiros velhos.

A neve tornou a cahir, mas já misturada com chuva, o que prenunciava um novo descoalhar. Mas, apesar do ameaço de chuva e da escuridão da noite, os ranchos vindos de todos os lados encontraram-se no caminho, que trepava até aos casaes, os quaes se avistavam ao longe como enormes candieiros accesos no meio da matta.

A casa d'Ole Nordistuen estava illuminada para o baile; de todas as janellas sahia uma luz vivissima.

Os ranchos alegres depressa lá chegaram, mas olha lá não entrassem logo!

Uns descreviam grandes circulos em volta dos celleiros e curraes, a fingir o uivar dos lobos; outros arremedavam as raposas ao pé da capoeira; e em gritos assustadores respondiam vozes roucas como as dos cães de guarda.

Todo aquelle rancho de doidos reuniu-se emfim em frente da cocheira e começaram todos n'uma grande corrida, em que até deviam de tomar parte as raparigas.

Pulavam em volta das casas, rodeadas das mais pequeninas, que corriam com ellas e escondiam-se nos logares escuros quando os rapazes se approximavam.

Estes perseguiam-as a rir e obrigavam-as a entrar na casa.

Eram muito timidos os enxamesinhos novos.

Com seu rosto severo e voz muito grossa, Ole Nordistuen sempre havia mettido medo ás raparigas. Por isso, muito córadas, paravam no limiar da porta e era preci o que Marit as fosse buscar, as socegasse meigamente e as trouxesse para a sala onde o baile estava preparado. As de que mais gostava levavá-as para um quarto pequenino onde Ole Nordistuen estava sentado, a fumar cachimbo. O velho offerecia-lhes de beber e ellas bebiam tremendo.

N'isto, o melhor rabequista do logar, que tinham contractado, não havia meio de chegar; foi preciso deitar mão do velho Grayknut que só sabia quatro danças: duas polkas, uma dança de roda e uma valsa antiga chamada *Napoleão*. Bateu com o arco na mesa e deu-se principio ao baile. Eyvind e os companheiros tinham ficado todos de fóra, não se atrevendo a entrar, porque já lá estavam muitos muito mais crescidos; mas emfim os rapazes lá criaram animo uns com os outros e mais ainda com uma cervejasita, mais forte e romperam pela sala dentro. Fazia muito calor; a cerveja, o prazer, a commoção, cedo lhes subiram á cabeça e puzeram-se a admirar as mais bonitas raparigas. A mais bonita era Marit e a que mais era convidada, com certeza porque era o avô quem dava o baile. Eyvind não tirava d'ella os olhos. Morria por dançar com ella e foi pôr-se ao pé do logar onde entre as danças devia vir descançar para convidal-a, logo que ella se sentasse. Avançou todo a tremer, mas um rapagão muito trigueiro, d'ar atrevido, sacudindo uma enorme cabelleira frizada, foi mais lesto do que elle e até o empurrou ao passar.

— Fóra os petizes! gritou o mal-creado.

(Continua).

Recebemos e agradecemos:

Album de sellos postaes de Portugal, Colonias e Brazil. — *Editado por Faustino A. Martins — Lisboa, 1901.*

O sr. Faustino Martins, antigo philatelista, estabelecido na Praça de Camões, d'esta cidade, acaba de editar um interessante album para colleccionar sellos postaes de Portugal, Colonias e Brazil, que é a primeira publicação que no seu genero se faz no nosso paiz e em lingua portugueza. O campo das diligencias dos colleccionadores acha se assim muito aplanado, estando a catalogação de todas as formulas de franquia postal feita com especial cuidado e escrupulo, sem deficiencias que descontentem nem exaggeros que desanimem; e no que respeita á India, orientada segundo um systema inteiramente novo e racional. A parte brazileira enumera todas as variedades, que tão rica tornam a respectiva collecção.

O album está nitidamente impresso, tendo 110 folhas estampadas de um só lado, em bom papel, e com a descripção minuciosa e perfeita de todos os sellos emittidos até ao presente. Não dá as gravuras dos sellos, e n'isto apresenta a apreciavel vantagem de permittir que brilhem mais os sellos já colleccionados.

Brochado custa o bello album apenas 800 réis, 1$000 réis encadernado em percalina e 1$200 réis em papel especial.

A Tuberculose *(Defeza individual)—Lisboa, 1901.*

O presente volume é publicado pela commissão de propaganda da Assistencia Nacional aos Tuberculosos.

Abre com uma formosa e inspirada allegoria desenhada e offerecida á Assistencia por Sua Magestade El-Rei, presidente d'aquella commissão.

Tão bello livro foi escripto pelo sr. dr. J. Curry da C. Cabral, presidente da subcommissão de divulgação, que proficientemente se desempenhou da nobre missão que se impoz, o de «habilitar toda a população indistinctamente a entrar com efficacia, em defeza propria, no combate contra a tuberculose».

E fal-o de uma forma cabal, clara, persuasiva e convincente. Com taes qualidades o livro é um manual valioso para a defeza individual da tuberculose, e cuja leitura todos devem fazer e propagar.

A Dama das Camelias—*Romance por Alexandre Dumas, filho—Traducção de Antonio Randeira—Edição illustrada e de luxo—Editor F. Pastor—Lisboa, 1901.*

Alcançam ao n.º 24 os fasciculos presentes d'este notavel romance que ora logrou ter entre nós uma edição bastante luxuosa e em optimo papel. Folheando estes fasciculos fica-se encantado com a nitidez da impressão a côres e belleza das gravuras em madeira, dispersas profusamente pelo texto e devidas ao lapis de um moço desenhador tão modesto como talentoso e que se subscreve Alonso. O trabalho typographico, em composição e ornamentação com vinhetas de phantasia, acompanha brilhantemente o suggestivo romance. Quanto á edição não ha, pois, que dizer. Nunca se publicou entre nós, com tão graciosas paginas, qualquer obra litteraria, ao que se ajunta a modicidade do preço.

Quanto á traducção é esmerada tanto quanto licito se tornava esperal-a de um dos nossos mais distinctos escriptores da moderna geração.

A Madeira Illustrada—*Numero unico—Commemorativo da visita de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Carlos I e de Sua Augusta Esposa a Rainha Senhora D. Maria Amelia—Junho de 1901.*

Por iniciativa e sob a direcção do sr. Augusto Forjaz Pereira de Sampaio. com a collaboração artistica dos srs. conde de Torre Bella e Joaquim Augusto de Souza, se publicou o presente album illustrado e descriptivo da ilha da Madeira, n'uma edição luxuosa, em grande formato e fino papel.

Insere magnificos retratos de Suas Magestades e muitas e primorosas gravuras originaes, reproduzindo os edificios, as localidades e sitios mais pittorescos de toda a formosa ilha.

A's naturaes bellezas d'aquella perola do Oceano, ajunta-se a graça das descripções, pelo que *A Madeira Illustrada* é sem duvida uma das mais interessantes publicações que despertou a viagem real ás ilhas.

Encontra-se á venda pelo preço de 500 réis, nas principaes livrarias e no deposito geral, Rua do Marechal Saldanha, 31, Lisboa.

O REAL THEATRO DE S. CARLOS

PIETRO MASCAGNI

Diversas revistas portuguezas:

A semana—revista litteraria e illustrada—Angra do Heroismo.

Por occasião da viagem real ás ilhas dos Açores e Madeira, publicou a redacção d'esta interessante revista angrense um bello numero extraordinario, com oito paginas, profusamente illustradas e impresso a côres diversas

Voz da Caridade—revista mensal illustrada—Covilhã.

O producto liquido d'esta boa publicação é destinado ao pão de Santo Antonio, estabelecido na parochial de Santa Maria Maior, d'aquella cidade.

Sombra e luz—revista mensal de letras, arte, photographia e sport—Porto.

Sob a esclarecida direcção do sr. Augusto Gama, apresenta-se esta revista muito perfeita em todas as secções. Como o seu titulo indica, é especialmente dedicada ás artes graphicas, offerecendo magnificas estampas nitidamente impressas, e curiosas provas do processo das tres côres.

O Passatempo—revista quinzenal illustrada—Lisboa.

Continúa collaborada pelos melhores escriptores esta nova revista lisbonense e procurando variar as suas illustrações.

A Esperança—revista colonial, popular, encyclopedica, publicada pela direcção do Almanach luso-africano, de que a revista é supplemento mensal—Braga.

Este hebdomadario é dedicado, em geral, a todos os que desejam saber e não teem dinheiro para possuir nem tempo para lêr muitos livros, jornaes e revistas, e consagrada, em especial, á juventude colonial e ao professorado primario de Portugal e Brazil, desempenhando-se cabalmente dos seus nobres intuitos.

Voz de Santo Antonio—revista mensal illustrada—Braga.

Excellente revista, que já conta sete annos e foi abençoada por SS. o Papa Leão XIII, pelo Ex.mo Ordinario e varios prelados.

O latego—quinzenario de critica ás letras, artes, politica e costumes portuguezes—Porto.

Esta publicação é redigida pelos conhecidos escriptores José Agostinho e Antonio Figueirinha.

Arte musical—revista publicada quinzenalmente—Lisboa.

Proficientemente dirigida por Michel'angelo Lambertini, é, sem duvida, a melhor publicação no seu genero, que sae dos prelos portuguezes. Collaboração selecta e edição luxuosa, merece com justiça o apreço que lhe dedicam os especialistas. Agora pugna a elegante revista pelo projecto de uma escola de musica de camara, utilissima instituição que será presidida pelo notavel pianista Rey Colaço.

Portugal Agricola—dedicado aos interesses, fomento, progresso e defeza da lavoura na metropole e nas colonias—Lisboa

Iniciou ha pouco o seu 13.º anno de publicação este importante periodico, pelo que felicitamos cordealmente o seu digno director sr. J. Achilles Ripamonti.

Annuario e almanachs:

Annuario da Escola do Exercito—Anno lectivo de 1900-1901.

A' semelhança d'outros estabelecimentos de instrucção superior do paiz, tambem a Escola do Exercito tem publicado o seu annuario, livro muito util para os lentes e alumnos, que n'elle teem methodicamente compendiados os seus deveres e obrigações. Deve-se o arranjo do annuario ao digno official da bibliotheca, sr. Francisco Augusto de Magalhães, illustrado capitão de estado-maior de infantaria.

Echos agricolas—*Revista mensal—Communicações da casa Henry Bachofen & C.ª—Lisboa—1901.*